

SEMIÓTICA, CONTEMPORANEIDADE E DESIGN: A ARQUITETURA E A ARTE COMO PROTAGONISTAS DE INTERVENÇÕES CULTURAIS

FÜHR, Rafaela dos Santos¹
DIAS, Solange Irene Smolarek²
DIAS, Caio Smolarek³

RESUMO

Ao pressupor que grande parte dos inúmeros problemas encontrados no Brasil, são frutos da cultura do cidadão brasileiro, vê-se a necessidade de reavaliar os valores que estão sendo repassados para as crianças, jovens e toda a população, bem como os espaços destinados a este fim. Considerando a ligação do meio arquitetônico e a forma de viver de uma sociedade, arquiteto e designer estão em constante conexão com os meios de comunicação de uma cultura e seu povo e/ou entre povos. Portanto, o objetivo geral consiste em contribuir para a discussão acerca da arquitetura e do design como linguagem semiótica contemporânea de intervenção cultural.

Palavras-chave: Semiótica. Contemporaneidade. Design. Arquitetura. Cultura.

SEMIOTICS, CONTEMPORARY AND DESIGN: ART AND ARCHITECTURE AS A CULTURAL ACTORS OF INTERVENTION

ABSTRACT

By assuming that the majority of the numerous problems encountered in Brazil are a consequence of the culture of Brazilian citizens, it is considered needed to reassess the moral values that are being passed on to children, youngsters and the entire population, as well as spaces for this end. Considering the connection between the architectural environment and way of living of a society, the architect as well as the designer is in constant connection with the media of a culture and its people. Therefore, the goal of such paper is to contribute to the discussion of architecture and design as contemporary semiotic language of cultural intervention.

Keywords: Semiotics. Contemporary. Design. Architecture. Culture.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho dá continuidade, em pós-graduação, em pesquisa iniciada em trabalho de conclusão de curso de graduação. Considera-se que, na contemporaneidade, a semiótica e o design estão intrinsecamente relacionados à forma de viver de uma determinada sociedade, que por sua vez está diretamente ligada ao arquiteto e a forma que o mesmo organiza o espaço. Desse modo, esse profissional deve estar consciente da sua função e no modo de atuar, pois o que parece estar correto e natural em um meio cultural pode estar facilmente errado em outro. Assim, o arquiteto deve estar, de preferência, à frente de seu tempo da mesma forma que o edifício que ele projeta, para que possa acompanhar a evolução do homem enquanto estiver materializado. Dessa forma, vê-se a importância do trabalho desse profissional que projeta para o futuro e prepara o palco, o contexto urbano, para um longo e demorado funcionamento, o qual deve ser flexível a improvisações (RASMUNSEN, 1998).

A arquitetura e o conteúdo social estarão sempre interligados, assim a arquitetura possui características de comunicação, podendo transmitir emoções, como: apreensões diante da sua estrutura; confiança; poder; ou até mesmo fantasias e fixações. Consequente a esse fato, a ela são impostas limitações e responsabilidades quanto à forma e conteúdo, pois possui caráter público e permanente, sendo uma arte impositiva (COLIN, 2000).

No entanto ao se propor um projeto arquitetônico deve-se levar em conta que o mesmo possui um contexto urbano e ao ser implantado influenciará não só na paisagem local, mas também na forma como as pessoas vivem. Sendo assim, nota-se a importância do papel do arquiteto na vida da sociedade e o conhecimento que o mesmo deve possuir. Entre esses conhecimentos estão questões relativas ao significado da arquitetura, o processo projetual, tanto arquitetônico como urbanístico e paisagístico, e a função que os mesmos terão na sociedade.

¹ Pós-graduanda em Design de Interiores pela Faculdade Assis Gurgacz; arquiteta e Urbanista pela Faculdade Assis Gurgacz; Técnica em paisagismo pelo Centro Paisagístico Gustaaf Winters. E-mail: rafaela.fuhr@hotmail.com. Autora.

² Doutora em Engenharia de Produção pela UFSC; mestre em Letras pela UNIOESTE; graduada em Arquitetura pela UFPR. Pesquisadora líder dos Grupos de Pesquisa: Teoria da Arquitetura; História da Arquitetura e Urbanismo; Métodos e Técnicas do Planejamento Urbano e Regional; Teoria e Prática do Design. Docente da Faculdade Assis Gurgacz e da Faculdade Dom Bosco. E-mail: solange@fag.edu.br. Orientadora de pós-graduação.

³ Mestre em Arquitetura pela Politecnico di Milano – Itália; especialista em Docência do Ensino Superior pela UNIPAN; arquiteto e urbanista pela Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: caiosmolarek@hotmail.com. Orientador de graduação.

2 CONCEITOS TEÓRICOS

2.1 SEMIÓTICA, CONTEMPORANEIDADE E DESIGN

A semiótica é um termo criado por Charles Sanders Peirce e que tenta inventariar os signos existentes (língua, publicidade, etc). No design e na arquitetura preocupa-se com os códigos de comunicação do produto gerado e seus significados. No que diz respeito à questão do design e sua real aplicação semiótica, consideramos que:

[...] há que se perguntar antes o que é design.[...] A necessidade de comunicação entre os homens e os diversos sistemas ou materiais que o rodeiam deram origem a multiplicidade de códigos que hoje formam o conceito de design. [...] Pensar em design como sistema modelizante nos leva a procura do código do design. Quais são as letras desse alfabeto? Onde é que se esconde aquela estrutura do design que ninguém vê, mas que dá formato a todas as suas mensagens? (SANTOS, s.d., pg 1)

2.2 O QUE É ARQUITETURA?

O mais antigo tratado arquitetônico que se conhece, e que propõe uma definição de arquitetura, é o do arquiteto romano Marco Vitruvius Polião, intitulado: “Os dez livros de arquitetura”, escrito no Império Romano. Tal conceituação representa o pensamento da antiguidade sobre a arte de construir. Em seus livros, Vitruvius apresenta três aspectos básicos para a arquitetura: solidez; utilidade; e a beleza. Vitruvius propõe ainda que a arquitetura seja composta por: ordenamento; disposição; eurytmia; proporção; conveniência; e distribuição. “Os dez livros de arquitetura” foi considerada a “bíblia” dos arquitetos no renascimento e é até hoje analisada por teóricos (LEMOS, 2003).

Colin (2000), ao analisar a obra de Vitruvius, afirma que o mesmo foi o primeiro a perceber que discorrer sobre a arte de construir não se trata apenas em dizer que “é isto”, mas “é isto, aquilo, mais aquilo”. Das suas divisões, destaca além do trinômio vitruviano (solidez, utilidade e beleza) o significado e significante, constatando que as formas arquitetônicas têm a vocação de representar coisas diferentes delas mesmas.

Vitruvius (POLIÃO, 1999) afirma que arquitetura é uma ciência derivada de muitas outras, acompanhada de diversos e variados ensinamentos, permitindo um julgamento que é gerado pelo legado das outras artes.

Ao elucidar sobre arquitetura, Artigas (2004) a define como uma arte com finalidade. Dessa forma, possui caráter simbólico, que necessita representar alguma coisa no campo da sociedade. Assim, a arquitetura deixa de ser uma mera construção para representar algo e exprimir sensações.

Trata-se de criar formas envoltas do homem, organizar o espaço para que ele viva, não para serem apreciadas somente de fora. Assim, trata-se de uma arte muito especial, pois encerra o espaço criando uma estrutura em torno da vida do ser humano. “Nenhuma outra arte emprega uma forma mais fria e mais abstrata, entretanto, nenhuma outra arte está tão intimamente ligada à vida cotidiana do homem, do berço à sepultura.” (RASMUSSEN, 1998, p.13)

Sendo assim, o espaço que a arquitetura manipula se torna o seu elemento essencial. Zevi (1996) afirma que esse é o protagonista da arquitetura, que consiste no vazio dentro do espaço encerrado, que o homem penetra e caminha em seu interior, logo, anda e vive.

2.2.1 Espaço arquitetônico

Cada edifício contém um invólucro mural, fachada e espaço interior, ou seja, um espaço cerrado, o homem movendo-se dentro deste espaço, estuda-o de diversos pontos de vista, criando, por assim dizer, uma quarta dimensão na arquitetura, o tempo. Através deste as obras de arquitetura podem ser compreendidas e vividas. Essa quarta dimensão em si é suficiente para a definição do invólucro mural que encerra o espaço, porém não é suficiente para a definição do vazio cerrado, pois se trata de um fenômeno que possui características específicas, por concretizar-se apenas em arquitetura (ZEVI, 1996).

No entanto, a experiência espacial arquitetônica não se vivencia apenas no interior de um edifício, ela “prolonga-se na cidade, nas ruas e praças, nos becos e parques, nos estádios e jardins, onde quer que a obra do homem haja limitado ‘vazios’, isto é, tenha criado espaços fechados” (ZEVI, 1996, p. 25).

De acordo com o autor, visto que todos os invólucros murais estabelecem um limite na continuidade espacial, logo contribuem para a criação de dois espaços: os interiores, definidos pela obra arquitetônica; e os exteriores ou urbanísticos, encerrados nessa obra. E os quais, tanto o espaço interior quanto o espaço exterior são caracterizados pelos mesmos elementos.

Segundo Netto (1999), a arquitetura trabalha o espaço, porém desconhece o significado do mesmo, trabalha sobre esse elemento às cegas, pois não existe ainda um conceito adequado de espaço.

Efetivamente, não existe ainda um corpo de conhecimentos orgânicos capaz de reunir uma série de noções fragmentadas sobre o espaço de modo a fornecer-nos um conceito operacional, manipulável (NETTO, 1999, p. 11).

Em busca de uma definição de espaço como objeto principal da arquitetura, Netto (1999) estabelece sete eixos organizadores do sentido do espaço, baseando-se na oposição binária. São eles: (1) Espaço Interior X Espaço exterior; (2) Espaço Privado X Espaço Exterior; (3) Espaço Construído X Espaço Não-Construído; (4) Espaço Artificial X Espaço Natural; (5) Espaço Amplo X Espaço Restrito; (6) Espaço Vertical X Espaço Horizontal; e (7) Espaço Geométrico X Espaço Não-Geométrico.

Assim, entende-se que ambiente construído será aquele que reflete o espaço arquitetônico, o local onde os homens interagem, como colocado por Zevi (1996), sendo esse espaço analisado segundo os eixos propostos por Coelho Netto (1999). Tem-se, portanto, que o ambiente construído poderá ser o espaço interior, sempre em referência com o espaço exterior, privado ou comum, aberto ou fechado e natural ou artificial.

3 POR UMA PITADA A MAIS DE ARTE E CULTURA

Ao fundamentar o tema arquitetura, demonstrou-se o quanto a mesma influencia no contexto social de uma cidade, na sua paisagem e em sua forma de viver, tornando-se assim um elemento cultural para a sociedade.

A cultura é uma preocupação das sociedades passadas e contemporânea que tenta entender os diversos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas do futuro. Os contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, do modo em que o homem se apropriou da natureza e da maneira em que ele se expressa, marcou a humanidade. Dessa forma, a humanidade sempre estará interligada quando o assunto for cultura, na sua multiplicidade de formas de existência (SANTOS, 1994).

Cultura é o produto coletivo da vida humana, é tudo aquilo que a caracteriza. Entre as diversas maneiras de entender o que vem a ser cultura, destacam-se duas acepções básicas, a primeira remete a todas as características de uma realidade social de um grupo humano, ou então, de um povo ou nação, ou ainda grupos inseridos em uma sociedade. A segunda concepção diz respeito ao conhecimento, ideias e crenças que a sociedade tem da realidade e à maneira como o expressam. É a partir do relacionamento entre essas duas acepções que se origina a maneira de entender cultura. Nesse sentido,

[...] cultura tende a se transformar numa área de reflexão sobre a realidade onde aquelas duas preocupações básicas se mesclam. Assim, cultura passa a ser entendida como uma dimensão da realidade social, a dimensão não-material, uma dimensão totalizadora, pois entrecorta os vários aspectos dessa realidade. Ou seja, em vez de se falar em cultura como a totalidade de características, fala-se agora em cultura como a totalidade de uma dimensão da sociedade.

Essa dimensão é a do conhecimento num sentido ampliado, é todo conhecimento que uma sociedade tem sobre si mesma, sobre outras sociedades, sobre o meio material em que vive e sobre a própria existência. (SANTOS, 1994, p. 41)

Sendo assim, além do meio que o homem utiliza para sobreviver e procriar, ele projeta um ambiente secundário a este, um ambiente artificial, que é nada menos que a cultura. Ao discursar sobre cultura, Pinto (1999) explana sobre o pensamento de Herskovits e E. B. Taylor, da seguinte forma:

Neste sentido, herskovits a define como ‘a parte do ambiente feita pelo homem’ e e. B. Taylor, numa conceituação mais pormenorizada, focaliza-a como “o conjunto complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. (PINTO, 1999, p.15).

A cultura penetra na comunidade em que foi concebida, orientando as ações e decisões do homem em relação ao espaço, concretizando neste as singularidades e particularidades, promovendo a identidade do lugar. No entanto, pressupõe-se que haja símbolos comuns para essas características, “funcionando como mecanismos de reconhecimento entre os membros de um mesmo grupo social, ao mesmo tempo em que os diferenciam dos demais.” (BRUM NETO; BEZZI, 2007, p. 255).

A autora ao discursar sobre esses símbolos explana o pensamento de Claval (1999), observando que estes símbolos segundo o autor denominam-se em códigos culturais que abrange desde a linguagem até as convenções mais particulares de cada cultura. Dessa forma, o espaço passa a ser composto por códigos, que por sua vez são capazes de

identificar a origem étnica do grupo humano. Os códigos culturais são responsáveis pela visibilidade da cultura e pela sua transmissão. Podem ser identificados através das diferentes paisagens, dos estilos das casas, da arte, da gastronomia, da música, das festividades, entre outros. Além desses há aqueles códigos que são chamados de aportes culturais, que nem sempre são visíveis, porém também são responsáveis pela materialização da cultura no espaço, como os valores, ideologias e convenções do local (BRUM NETO; BEZZI, 2007).

Esses códigos dizem respeito ao sistema de ideias que orientam o grupo humano em suas ações, quanto aos costumes e deveres segundo os seus valores. Um dos códigos essenciais para a disseminação da cultura são os meios de comunicação, que além de transmiti-la, também a projeta no tempo e no espaço. A comunicação “constitui-se no modo como um grupo social utiliza-se da linguagem como um instrumento de comunicação direto, distinto dos outros códigos, constituindo-se no ‘fio condutor’ que identifica uma cultura.” (BRUM NETO; BEZZI, 2007, p. 256)

Sendo assim, por mais complexa que seja a realidade em que o homem vive e as características que os unem e os diferenciam, através do conhecimento expresso pela sociedade, como sua arte, religião, jogos, etc., a cultura tem a capacidade de decodificar esta realidade social, por meio de palavras, práticas costumeiras, teorias, doutrinas, entre outros (SANTOS, 1994).

Entretanto, a cultura consiste em algo que está em constante evolução. Movendo-se ao longo dos anos junto com os diversos grupos sociais, caracterizando-se pelas diversas possibilidades e projetos do que pode vir a existir. Ainda assim, por mais que a cultura seja uma produção coletiva e tenha o seu vasto campo disseminador, não se deve esquecer que, por ter relação ao poder dentro de uma sociedade ou entre sociedades, a mesma nem sempre é disseminada de maneira correta ou de forma justa e boas intenções. Até porque a preocupação com a cultura surge relacionada tanto ao processo da sociedade quanto a novas formas de dominação (SANTOS, 1994).

Em contrapartida a esta sociedade controladora e muitas vezes injusta, surge a ação cultural, que tem como objetivo administrar o processo cultural, ou até mesmo a sua ausência, estimulando uma distribuição cultural mais equilibrada, desejando fazer da arte e da cultura instrumentos deliberados de mudança do homem e do mundo (COELHO, 1989).

O objetivo da ação cultural não é constituir um tipo determinado tipo de sociedade, mas provocar as consciências para que se apossam de si mesmas e criem as condições para a totalização, no sentido dialético do termo, de um novo tipo de vida derivado do enfrentamento aberto das tensões e conflitos surgidos na prática social concreta. (COELHO, 1989, p. 42)

Sendo assim, temos a ação cultural como uma operação sociocultural. Nela há apenas um início claro e armado, tendo como objetivo o processo e não o objeto, ou seja, não há um fim determinado muito menos etapas para serem cumpridas, o agente cultural apenas gera o processo, cujo fim não se prevê e não se controla, não há limitações. No entanto, a ação cultural tem seus instrumentos e sua fonte na produção simbólica de um grupo, e entre as formas simbólicas que a constituem as da arte são privilegiadas, sendo essenciais. Propõe-se então utilizar o modo operativo da arte para “revitalizar laços comunitários corroídos e interiores individuais dilacerados por um cotidiano fragmentante.” (COELHO, 1989, p.34).

A arte traz em si a contribuição para a formação de um homem mais pleno, cujos valores foram espezinhados pelo industrialismo. São muitos os pensadores que afirmam a necessidade de uma reestruturação radical da civilização, por verem a mesma se deslocando rumo a um abismo, para a destruição da vida no planeta. Isso porque a sociedade se acomodou em três postulados, a primazia da razão, do trabalho e a natureza infinita. Contudo, vale observar que

O primeiro desses postulados nos conduz a uma civilização racionalista, isto é, que hipertrofia a razão em detrimento das dimensões básicas da vida: os valores e as emoções. O segundo nos leva a relegar o lúdico (o jogo, o brinquedo) e o estético a posições inferiores; relegá-los a se tornarem meras atividades de lazer, quando se tem tempo para tal. Enquanto o terceiro gera um sistema de produção que deve se manter em perpétuo crescimento; não se produz para suprir as necessidades humanas, mas, pelo contrário, deve-se criar novas necessidades no homem, para então vender-lhes os novos produtos. (DUARTE, 2000, p. 64)

Dessa forma, a ação cultural espera estimular três esferas da vida do homem ou do seu grupo, que são: a imaginação, onde a consciência se abre para ela mesma e se liberta do ser e do dever ser, para aceitar o que pode vir a ser; a ação, quando o indivíduo penetra no tempo e viabiliza aquilo que sua imaginação pré-sentiu, ligando-se ao processo cultural concreto; e a reflexão, que permite ao indivíduo a continuidade de si mesmo, de sua consciência e de sua ação, possibilitando a integração com o passado capaz de proporcionar a previsão do futuro, a predeterminação do possível. Assim o ciclo se fecha e a imaginação é ativada de novo. Essas esferas pertencem ao universo das artes, no qual a ação cultural se enxerta (COELHO, 1989).

Portanto, cultura e ação cultural estão profundamente ligadas ao indivíduo e seu grupo humano, seus feitos e significados. A cultura, como dito anteriormente, está em constante evolução, porém, contém invariantes básicas, que se constituem em perceber e distinguir. Já a ação cultural diz respeito a criar o maior número possível de oportunidades, para tantos indivíduos interessados possíveis poderem conhecer a aventura cultural.

4 CONSIDERAÇÕES

Para a elaboração do presente trabalho utilizou-se de pesquisa bibliográfica com objetivo de contribuir para a discussão acerca da semiótica, da contemporaneidade, do design em intervenções culturais, onde a arquitetura atue como ação cultural em uma sociedade através de suas esferas artísticas.

Essa pesquisa é fruto tanto da não-cultura, ou seja, da cultura disseminada com má-fé ou até mesmo da disseminação desigual na sociedade, como também da atual desvalorização e má compreensão em relação à arquitetura e o design e sua importância. Isto é, ela permeia o espaço urbano, porém seus usuários não a vivenciam. Nesse sentido, propõe-se a arte funcional em função da arte.

Assim como Colin (2000, p.145) elucida:

A arte – a arquitetura, conseqüentemente – não é somente necessária para embelezar nossa vida e tornar nossos sofrimentos mais suportáveis; o contato com sentimentos e desejos mais profundos, que a arte propicia, nos tira do plano imediato de nossa existência e nos coloca em contato com outras estâncias onde poderemos conhecer novas forças de transformação.

Portanto, ao sugerir um edifício que tem como protagonista a arte espera-se que o indivíduo através de sua vivência com a mesma, além da formação do caráter cultural, sintam-se territorializado com o espaço arquitetônico e que assim passe a compreendê-la e respeitá-la.

Assim como Rasmussen (1998) afirma, a arte mais completa e mais especial é a arquitetura, pois é a única funcional, solucionando problemas práticos, encerrando espaços para que o ser humano possa residir nele e criando o meio urbano, ou seja, criando estrutura em torno de nossas vidas. O arquiteto trabalha com material vivo mutável e imprevisível, o ser humano. Se em suas construções não houver pessoas residindo, fazendo uso dela, de nada adiantará ter construído e projetado, pois se transformará em algo muito diferente do que se pretendia no projeto. A beleza evidente da construção e do projeto é a vida, sem a mesma nada tem sentido.

Portanto, denota-se a importância do arquiteto estar sempre em constante pesquisa, buscando nas teorias e vivências conceitos para aplicar de maneira correta em suas obras, que intervirão não apenas na paisagem urbana, mas também na vida dos usuários que com elas convivem.

REFERÊNCIAS

ARTIGAS, João Batista Vilanova. **Caminhos da arquitetura**. [Organização José Tavares Correia de Lira, Rosa Artigas. Inclui a Função Social do Arquiteto]. 4. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

BEZZI, Meri Louerdes; BRUM NETO, Helena. **A materialização da cultura no espaço: Os códigos culturais e os processos de identificação**. Santa Maria, 2008.

COELHO NETTO, J. T. **A Construção do Sentido na Arquitetura**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva. 1999.

COELHO, Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COLIN, Silvio. **Uma introdução à arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.

DUARTE Junior, João Francisco, 1953 – **Por que Arte-educação?** 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000. (Coleção Ágere)

FAG, Faculdade Assis Gurgacz. **Normas para a elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**. Cascavel: FAG, 2011.

LE MOS, Carlos A. C. **O que é arquitetura?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

PINTO, Virgílio Noya. **Comunicação e cultura brasileira**. 5. ed. São Paulo. Editora Ática. 1999.

POLIÃO, Marco Vitruvius. **Da Arquitetura**. Tradução e notas Marco Aurélio Kagonegro. São Paulo: Hucitec, Fundação Para a Pesquisa Ambiental, 1999.



RASMUSSEN, Steen Eiler. **Arquitetura Vivenciada**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SANTOS, José Luiz dos. **O Que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Reinaldo. **A Questão do Design e sua real aplicação**. [s.l.] [s.d] Disponível em : <http://www.aldeiadesign.com.br/usen/artigos/artigo.asp?idartigo=29>. Acesso em 29 abr 2014.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.